

TNSJ

TEATRO
NACIONAL
SÃO JOÃO
PORTO

**AINDA
NÃO É
O FIM**



Teatro
Nacional
São João

11-14
Out
2012

AINDA NÃO É O FIM

A PARTIR DE CRÓNICAS
E POEMAS DE
MANUEL ANTÓNIO PINA
ENCENAÇÃO
JOÃO BRITES

CALMA É APENAS UMA CONVERSA

Os criativos e o elenco da peça discutem informalmente com o público as linhas e as entrelinhas da adaptação e concretização cénica do espetáculo.

Teatro Nacional São João
Salão Nobre
12 outubro 2012
sex 23:15

dramaturgia
João Brites
Miguel Jesus
composição musical
Jorge Salgueiro
cenografia
Rui Francisco
oralidade
Teresa Lima
corporalidade
Vânia Rovisco
figurinos
Clara Bento
adereço freios
Isabel Curto
desenho de luz
João Cachulo

com
Ana Lúcia Palminha
Bruno Huca
Clara Bento
Guilherme Noronha
Paula Só
Raúl Atalaia
Sara de Castro
(atores)
Abílio Coelho
André Banha
André Cabica
Filipe Cordeiro
João Reisinho
José Canha
Luis Santos
Marisa Borralho
Miguel Tapadas
Paulo Fragoso
Rodrigo Bispo
(músicos)

criação
Teatro O Bando

cofinanciamento
**POR Lisboa, QREN,
FEDER**
parceria
**Big Band Loureiros
Câmara Municipal
de Palmela**

estreia **18Mai2012**
Largo D'El Rei
D. Afonso Henriques
(Palmela)

dur. aprox. **1:30**
M/12 anos

qui-sáb **21:30**
dom **16:00**

O TNSJ É MEMBRO DA

MECENAS TNSJ

CRIAÇÃO

APOIO

PARCERIA



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
TEATRO EUROPA



ZNZ

Aerportos
de Portugal

TEATRO BANDO

Município
Palmela



BIG BAND LOUREIROS



AS PESSOAS

*Fernando Pessoa
uma vez, Fernando Lemos
uma vez, Mário Cesariny
duas ou três*

As pessoas têm a sua casa e a sua doença
Mas a casa das pessoas é a sua doença
Oh as pessoas estão doentes de indiferença
E morrem como mortos, da sua doença

Morrem umas na frente das outras as pessoas
Um são assim outras como são?
As pessoas são más as pessoas são boas
As pessoas as pessoas as pessoas as pessoas

As pessoas somos nós todos ou ainda menos
Oh Mário Mário que horror irmão!
Oh nós não vamos ser assim daqui a uns tempos,
- Nós não vamos ser assim: pois não? pois não? -

Nosso Senhor Jesus Cristo não tinha biblioteca
O pobre não tinha troco de cinco escudos
- As pessoas Mário tão pálidas tão quietas! -
A rapariga da frutaria apesar de tudo

MANUEL ANTÓNIO PINA
In *Poesia Reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.



PARA QUÊ? PARA QUÊ?

MANUEL ANTÓNIO PINA*

Quando eu era criança (porque todos fomos crianças uma vez, mesmo aqueles que nos custa a acreditar que o tenham sido) costumava ficar longas horas a jogar um perigosíssimo jogo infantil. Escolhia uma palavra familiar e quotidiana (casa, mãe, céu) e repetia-a em voz alta, infinitamente, até ela deixar de fazer sentido e me soar absurdamente nos ouvidos como uma vaga sucessão de sons, uma música desconexa que eu ouvisse então absolutamente pela primeira vez.

Assim as amava, às palavras, na sua pobreza e na sua fragilidade, libertas

das cadeias que as prendem ao mundo e às coisas. Os substantivos eram corpos vazios, ténues ressonâncias despojadas de todo o peso e de todo o poder, e os adjectivos e os verbos belíssimos seres translúcidos vogando fugazmente à minha volta. E eu descobria, alvoroçado, que era senhor de um poder imenso: o poder de libertar as palavras e de partilhar da sua vida e da sua morte; e que poderia tocar, se quisesse, a sua natureza mais íntima e mais imaterial.

Hoje ainda me acontece olhar as minhas palavras, embora (pobre de mim) tenha perdido para sempre a capacidade de, como num espelho, me surpreender a mim próprio nelas. Há muitos anos possuía palavras imensas: cão, casa, mãe, céu, aves. Hoje só tenho sentidos e sentimentos, palavras não. Aprendemos coisas demais, eu e as minhas palavras, e perdemos, nos labirintos dos livros e do comércio com a vida, toda a sabedoria.



É com uma sombria impressão de pecado e de infâmia que, às vezes, destino ainda indistintas horas às palavras medíocres que me restam e às coisas medíocres de que elas são feitas e imperfeitas. Não é verdade que escrevi medíocres palavras, falei de coisas pequenas, de ambições pequenas, de pequenos e torpes personagens? Não é verdade que, se calhar, envolvi nisso algum do meu coração – e pior: que talvez algum do meu coração se tenha deixado envolver nisso (estará também ele contaminado pela usura, o meu coração?) – e não é verdade que, muitas vezes, me inconformei e me impacientei?

Meto a folha de papel (que em breve estará cheia de palavras) na máquina de escrever e hesito. Houve um tempo em que as palavras me abriam os vastos caminhos do silêncio. Hoje tornaram-se instrumentos ruidosos, infelizes seres úteis que a usura corrompeu. Olho-as com comiseração e com ternura, como

provavelmente também elas, as palavras, me olham a mim de dentro dos seus imensos olhos cegos, e começo então a bater, uma após outra, as teclas, disposto a ser digno da minha solidão e da solidão das minhas palavras.

E ocorre-me vagamente um poema de Carl Sandburg. A mula que, diz-se, incendiou Chicago com uma patada num candeeiro de petróleo olha de longe, de dentro do poema e do poeta, a cidade em chamas e repete as mesmas palavras que, contemplando as ruas fervilhantes de gente operosa, de dramas e de humilhações, tantas vezes antes o seu silêncio pronunciara: para quê?, para quê?

Assim começo resignadamente cada crónica: para quê?

* Crónica originalmente publicada a 16 de outubro de 1991 no *Jornal de Notícias*. In *O Anacronista*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

DE BALDE?

JOÃO BRITES

Como é que artistas, como aqueles que nós somos, devem agir no momento em que se caminha descaradamente para o culto da miséria e conseqüentemente da hipocrisia caritativa? Estamos, mais uma vez, à beira de um ciclo que se baseia no desemprego generalizado, na perda de direitos adquiridos, na desigualdade perante a assistência médica, o ensino, a justiça, no tal cenário (já conhecido mas tardiamente reconhecido) em que só o dinheiro dá acesso a tudo isso. Que memória tão curta temos. Não é tudo isto que desagua no ataque à diversidade cultural, onde as artes tendem a refugiar-se no domínio do folclore voluntarista e do entretenimento comercial? O fascismo não se ergueu sempre a partir da fome, do medo e do obscurantismo cultural? Sabemos que nesta democracia parece de mau gosto falar de atitudes fascizantes e da possível e latente ascensão do fascismo. Sabemos que a palavra fascismo parece envelhecida e datada. Mas também sabemos que as tendências hegemónicas das ditaduras manobram habilidades várias para se imporem. Podem entrar com os sapatos de verniz dos golpes palacianos; amedrontar com o barulho das botas das invasões militares; avançar a coberto de eleições livres (não esquecer Hitler); despontar com falinhas mansas

e pezinhos de lã como aconteceu com Salazar. Nem sempre é fácil detectar o início do processo, mas quando se reduzem as liberdades e se impede a diversidade expressiva das minorias, estamos a confinar a circulação da informação ao cinzentismo do discurso imutável das maiorias. Quando se estigmatiza a opinião dos que estão em minoria, instala-se a perniciosa autocensura de quem intervém em público, de quem escreve, de quem se expõe artisticamente.

Compreendendo que o nosso combate é feito com o teatro, que teatro devemos escolher? Que assuntos devemos tratar, que forma os pode melhor esclarecer? Como transformar em matéria artística este sentimento partilhado de ingratidão e de revolta; e de perigo? Como criar sem se ser panfletário, simplista, redutor? Os excertos dos textos de Manuel António Pina são o abrigo onde exercemos a experimentação enquanto componente indissociável da criação. A nossa utopia constrói-se acreditando que a exigente complexidade da elevação artística pode, através das sensações concretas que produz e da sedução pelos enigmas que não são imediatamente decifráveis, vir a obter uma abrangente dimensão popular. Trabalhámos nesse sentido ao conceber uma dramaturgia que se apoia na triangulação espacial e que corresponde à encruzilhada em que se encontram as três mães que exercitam os seus filhos na resistência à dor e ao sofrimento, prevendo o resultado de missões das quais podem não regressar.

O espectáculo desenvolve-se ao longo de três ciclos que passam sucessivamente pelos mesmos quadros: as últimas palavras; o cortejo fúnebre; as



lembranças do cão; o comício dos indignados; a manifestação dos bipolares; o arraial da vitória; a despedida do revolucionário. A universalidade dos propósitos apoia-se na particularidade de uma entidade territorial e linguística e, nesse sentido, a relação com a portugalidade está bem explícita nos corpos dos actores, nos figurinos, na música. Os indícios da farsa, que emerge de uma paisagem onde o absurdo não está ausente, conjugam-se com a bizarria de uma certa dimensão surrealista da representação. Gostávamos de riscar a memória de cada um com os traços de palavras

e de imagens que relativizassem e ridicularizassem os discursos que conduzem à inevitabilidade da desgraça. Ao lutarmos por um teatro que procura questionar-se e renovar-se dentro do próprio teatro, estamos-nos a querer constituir como uma parte activa na transformação do mundo e é assim que, passo a passo, procuramos a vossa companhia na demanda dessa quimérica felicidade anunciada.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

UM ESPECTÁCULO DE TEATRO QUE É UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA QUE É UM CONCERTO ENCENADO QUE É UM ARRAIAL POPULAR QUE É UMA PRIMAVERA ANUNCIADA

MIGUEL JESUS

Mães e filhos ocupam as ruas de uma cidade. Procuram as raízes da história e as estórias da revolução. Procuram conhecer essa Primavera que lhes escapou, essa Primavera pura e idílica que ainda sonham, essa Primavera humana e destroçada que vislumbram. Trazem anedotas, gritos e boatos. Trazem freios nos dentes, cangas às costas, baldes e sonhos, promessas de destinos desconhecidos. Resistem celebrando e celebram resistindo. Conhecem o peso dos sacrifícios e, como todos nós, tanto se entusiasmam e libertam como desistem e aprisionam. Oscilam entre o estrondo e o sussurro, entre a festa e o cansaço, entre a esperança e o derrotismo, entre a celebração colectiva e a amargura de cada um.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

REVOLUÇÃO?

NUNO NABAIS*

Na origem, o termo não indicava aquele que queria transformar pela raiz o estado das coisas. "Revolucionário" era apenas o insulto dirigido contra os que se reconheciam na obra *Da Revolução das Esferas Celestes*, publicada por Copérnico em Basileia, em 1543. O insulto acabou por se colar à hipótese heliocêntrica. E, no momento em que se percebeu que essa ideia de a Terra existir em revoluções em torno do Sol vinha perturbar as evidências mais antigas sobre o mundo, "revolucionário" passou a ser também sinal de perigo, anúncio de transgressão ou mesmo de subversão dos pilares mentais da vida dos homens e de Deus. Paradoxalmente, a ideia de revolução, quando colocada no centro da acção colectiva, teve que esquecer a sua raiz copernicana. Ninguém se envolve no combate pela transformação do mundo se admitir que, no final, tudo regressa ao ponto de partida. O tempo do homem e das revoluções humanas não pode ser o tempo das revoluções dos planetas. E, no entanto, hoje os tempos parecem confundir-se. Depois de um século a lutar por paraísos na Terra, ver Putin a ser coroado pelo patriarca de Moscovo, ou a China de Mao a salvar o sistema bancário do Ocidente, leva-nos a hesitar. Já não sabemos se estamos no fim ou se voltámos ao princípio. Copérnico

diria “calma, é apenas um pouco tarde”. Mas a questão agora é saber que tipo de tarde é este em que tudo tarda? E quanto tarde? Será demasiado tarde? Ainda será possível retomar o fio da revolução e cosê-lo ao seu ponto de partida? Fazer, não o novo, mas de novo? Marx dizia que os grandes acontecimentos humanos acontecem sempre, pelo menos, duas vezes. Mas acrescentava que, se a primeira vez é na forma de tragédia, a segunda é como farsa. Žižek procurou recentemente mostrar que mesmo a farsa ainda pode ser revolucionária. Bastaria introduzir um grão de epopeia para que ela se tornasse sublime e para que o teatro da história voltasse a ser uma festa. Uma farsa atravessada por uma voz épica seria o lugar onde hoje poderíamos praticar uma revolução copernicana dentro da própria ideia de revolução. Seria então uma revolução que começasse sem ser pelo princípio, sem ter a pretensão de ser inaugural. Seria uma revolução que se vivesse como farsa de si mesma, de modo a descobrir esse grão de epopeia que desse à farsa o seu alcance revolucionário.

O que há de mais singular no trabalho do Bando é o querer importar para o domínio da arte essa condição paradoxal da revolução. Em primeiro lugar, no plano da cenografia. Com as suas arquitecturas fora de escala, o Bando projecta sempre uma dimensão irrisória sobre o trabalho dos actores. Todos os seus gestos se dissipam diante do colossal e do desmesurado. Ainda assim, ao mesmo tempo, esse desequilíbrio cenográfico tem um alcance épico: cada palavra aparece como a expressão de comunidades oprimidas, de comunidades em flagrante

acto de efabulação de um povo que um dia virá. Algo de semelhante se joga nas encenações de João Brites. E isso é bem visível neste trabalho a partir de textos de Manuel António Pina. O povo que falta é composto sobretudo por memórias de uma revolução que os actores vêm repetir em regime de farsa. Mas a revolução de que há memória nunca existiu. A revolução só existe como promessa de um povo que a virá um dia cantar. Daí esse movimento pendular dos actores, entre o fora das passadeiras que conduzem ao arraial popular, e o dentro das torres metálicas onde uma cozinha anónima prepara o comum. No interior a memória, no exterior a efabulação, no interior a resistência, no exterior a celebração. Os baldes partilhados por actores e público são a condensação perfeita desse regime híbrido. Eles são ao mesmo tempo bancos, suportes para os espectadores, e símbolos dos carapuços enfiados na cabeça com que outros bancos nos cegaram. Mas também são cestos vazios de supermercado na promoção do dia Primeiro de Maio, ou ainda capacetes de protecção contra a polícia quando a nossa indignação sair à rua. Entre a farsa e a epopeia, entre Copérnico e Marx, a pergunta que o Bando nos deixa é: a revolução... será de balde?

* Filósofo, professor universitário

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.





RECODIFICAR OS CORPOS?

VÂNIA ROVISCO

O trabalho de corpo neste processo criativo foi desenvolvido em duas vertentes. Primeiro, baseou-se na fisicalidade do cavalo. Essa pesquisa foi feita na relação directa com o animal, onde detalhes da sua natureza e dos seus movimentos foram apreendidos pelos actores e músicos. Segundo, dirigimos a nossa atenção para as relações comportamentais e para os códigos que pertencem ao tecido social português. Para isso, observámo-nos a nós próprios. Elaborámos uma pesquisa direccionada na ideia de recodificação dos corpos e dos seus comportamentos e hábitos, impostos e adquiridos. Fomo-nos assim apercebendo que algumas linguagens de funcionamento corporal estão bem enraizadas, como linhagens que são passadas de geração em geração. Dado que aqui as mulheres preparam e enviam os filhos para a guerra, estabelecendo o funcionamento de um sistema patriarcal, a recodificação passou por conseguir aumentar a presença das atrizes, tornando as suas acções mais pragmáticas, e por medir a presença dos actores em função da orientação das mulheres. Os músicos adquiriram movimentos dos actores; os figurantes, dos músicos e actores. Passou-se a informação corpo a corpo, do colectivo ao individual, com a esperança de que tal

se revele no social. Será que recodificar os comportamentos habituais de homens e mulheres pode interferir no actual panorama nacional, no nosso (e no meu) quotidiano? Só sei que os corpos que habitamos já não servem e que gostaria que este espectáculo culminasse nessa metamorfose, deixando que outras coisas que nos pertencem consigam transpor as habituais. No entanto, tal como nem tudo nos serve, nem tudo devemos descartar. Mas há escolhas que precisamos de fazer, na urgência da maturidade.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.



QUE MÚSICA?

JORGE SALGUEIRO

Qual a função dramática desta música? Um pianista toca em sua casa, uma *big band* toca num arraial popular inusitado. Como expressar a portugalidade sem evocações literais? Como pode uma música transmitir credos e demandas por um mundo melhor? A canção é uma arma, mas as formas musicais são abstractas e universais: a marcha tem servido monarquias, repúblicas, ditaduras, regimes comunistas, capitalistas, liberais, conservadores, democratas... Que música escreve um compositor que se alinha na tradição erudita ocidental

para uma *big band*, sem divergir da sua linha estética, sem desvirtuar o carácter do conjunto e sem recorrer ao cliché do *swing*? Entre tantas perguntas, fui escrevendo e experimentando num processo que, pela primeira vez, no 13.º ano de trabalho em conjunto com o João Brites, convergiu para a sua metodologia de experimentação para a construção. No fim desse processo, duas ideias permaneceram: trabalhar sobre os quatro primeiros acordes do hino português; e utilizar uma série dodecafónica, em que a igualdade entre todas as notas, sem tónicas nem dominantes, é alegoria para a igualdade e fraternidade entre os humanos. Resultado do cruzamento com pessoas concretas, esta música deve-se à maravilhosa colaboração dos músicos da Big Band Loureiros, num misto de competência, disponibilidade e fraternidade. Emocionam.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

DE FREIO NOS DENTES?

RUI FRANCISCO

Espectáculo de rua / Espectáculo de massas estruturado / Euforia / Sensação fisiológica de bem-estar / Facilidade com que se suporta uma doença ou uma crise / Utopia / Necessidade de manter a utopia viva / Utopia / Palavra forjada por Thomas More para nomear uma ilha ideal / País imaginário em que tudo está organizado de uma forma superior / Utopia / Sistema ou plano que parece irrealizável / Fantasia. / Bipolar / Bipolar / Que tem dois pólos. Pólos / cuja concentração está em posições

opostas / Regiões polares / Que tem uma perturbação de humor caracterizada por alternância entre estados / depressivos e estados de excitação eufórica / Sístole / Diástole / Sístole / Contração rítmica do coração e das artérias (por oposição a diástole) / Diástole / Movimento de dilatação do coração e das artérias / Transformação de uma sílaba breve em longa. / O berro / O grito / Pintura datada de 1893. / Skrik / Uma figura andrógina num momento de profunda angústia e desespero existencial. / Rédeas / O petróleo a amarrar-te / Carrossel gigante / Singularismo / Consciência do personagem do actor em cena / Estrados / Passadeiras / Triângulos / Eixos cinéticos / O petróleo a amarrar-te / Vai dar luta! / Tem esquinas duras de matéria e arcos imaginários de utopia. / AINDA NÃO É O FIM / Fim

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.



Curiosidades: Portugal entrou para a CEE através de um Não-Referendo; constitucionalmente, existem três Poderes Soberanos independentes – o Legislativo, o Executivo e o Judicial –, só que, curiosamente, os dois primeiros são Soberanos do Judicial; toda a documentação “pública” sobre a Descolonização está na Fundação Mário Soares; o Presidente da República, à semelhança de um Monarca, tem o Poder de nomear o secretário-geral de qualquer um dos partidos para formar governo, independentemente do resultado das eleições.

GUILHERME NORONHA

Temos andado a evitar falar disto. Sussurrámos, sonhamos envergonhados, suspirámos por esse futuro prometido, delirámos com a possibilidade de ainda vivermos esse destino. Mas não conhecemos as palavras, já nem sequer conhecemos as palavras. “Serei capaz de não ter medo de nada, nem de algumas palavras juntas?” Como nomear esta inquietação, como a partilhar, como lutar por ela?

SARA DE CASTRO

As palavras que direi em *Ainda não é o fim*, reconheço-as, já as ouvi a saírem de muitas bocas. Creio que algumas eu mesmo as disse, há muito tempo, ou mesmo ontem. Parafraseando Manuel António Pina, estou entre mim e mim. Vou repeti-las para dizer aos outros que temos de nos lembrar do que fomos dizendo. E que temos de inventar outras palavras para juntar a estas, urgentemente.

RAÚL ATALÁIA

No Bando, o processo criativo é sempre uma viagem a uma terra desconhecida, uma viagem diferente daquelas a que estamos habituados. Isto quer dizer: muitas surpresas e desconforto; e uma luta interior que obriga a remexer no que está estabelecido. Desta vez, também a temática abordada vai reequacionar os nossos sonhos e utopias. Se alguém acreditar em hortas verticais em varandas, junte-se a mim!

ANA LÚCIA PALMINHA

“Era uma vez um cavalo que vivia num lindo carrossel.” Era uma vez um carrossel. E de novo os mesmos lugares. E mais uma vez as mesmas palavras. Talvez apenas os rostos cansados mudem. Se hoje uns pensam no que teriam pensado de gente como aquela em que hoje se tornaram, outros talvez pensem no que pensarão de gente como a que hoje são. Mas com que voz? Inventem-se novas revoluções, porque “a correr – tralalá – a saltar – tralalá – o cavalinho não saía do lugar”.

BRUNO HUCA

Os dicionários ensinam que “revolução” é “o movimento de um corpo que descrevendo uma curva fechada passa sucessivamente pelos mesmos lugares”. Mas, e se esse corpo for o Universo? Ou o Infinito?

PAULA SÓ

Textos escritos de acordo com a antiga ortografia.

FICHA TÉCNICA TNSJ

coordenação de produção

Maria João Teixeira

direção de palco

Rui Simão

direção de cena

Pedro Guimarães, Ricardo Silva

luz

Filipe Pinheiro, Abílio Vinhas,

António Pedra, José Rodrigues,

Nuno Gonçalves

maquinaria

Paulo Ferreira

som

António Bica

APOIOS TNSJ



APOIOS À DIVULGAÇÃO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo
Polícia de Segurança Pública

FICHA TÉCNICA TEATRO O BANDO

coordenação de produção

Miguel Jesus

direção de montagem

Fátima Santos

relações institucionais

Hugo Sousa

assistência à direção artística

Estêvão Antunes

vendas

Ana do Rosário de Bragança

coordenação técnica

Rui Francisco

assessoria técnica

Egídio Lima Ramos

projeto cenográfico

Oxalis - Arquitectura

& Congéneres

execução cenográfica

EPC - Empresa Portuguesa

de Cenários

desenho de som

Sérgio Milhano

assistentes estagiárias de produção

Susana Rocha, Diana Martins

assistentes estagiários de

comunicação

Diana Lopes Martins, Jose Lozano

organização de figurantes

Elsa Ferreira

apoio iluminação

Rui Alves, João Macedo

execução de figurinos

Ondina Crespo

montagem

Nicolae Daniel, Lúcia Rus

apoio adereços

André Neves, Márcio Fortuna

assessoria de imprensa

Veronica Paine, Inês Cristóvão

investigação sobre o processo

criativo

Filipa Malva

acompanhamento do processo

criativo

Comunidade de Leitores

(Biblioteca Municipal de Palmela)

APOIOS TEATRO O BANDO



AGRADECIMENTOS TEATRO O BANDO

Carlos Zacarias
Sónia Páscoa
Ferroloho
Quinta do Ervideiro
Quinta do Ferrador
Nuno Nabais
Fábrica Braço de Prata
Moradores do Largo D'El Rei
D. Afonso Henriques

O Teatro O Bando é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal - Secretário de Estado da Cultura/Direção-Geral das Artes e apoiada pela Câmara Municipal de Palmela



O Teatro O Bando é uma estrutura parceira do projeto Platform1+, financiado pelo Programa Cultura da União Europeia, e de Palmela - Cidade Europeia do Vinho 2012



Ainda não é o fim é um espetáculo desenvolvido no contexto da operação SAGA - Ópera Extravagante, cofinanciada por



Teatro O Bando

Vale dos Barris
Apartado 152
2951-901 Palmela
T 21 233 68 50 | F 21 233 42 41
www.obando.pt
geral@obando.pt

Teatro Nacional São João

Praça da Batalha
4000-102 Porto
T 22 340 19 00

Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00

Mosteiro de São Bento da Vitória

Rua de São Bento da Vitória
4050-543 Porto
T 22 340 19 00

www.tnsj.pt
geral@tnsj.pt

EDIÇÃO

Departamento de Edições do TNSJ

coordenação

João Luís Pereira

modelo gráfico

Joana Monteiro

paginação

João Guedes

fotografia

Pedro Soares, Raul Pinto,

Rita Couto (contracapa)

impressão

Empresa Diário do Porto, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



